

DENSIDADE X INTENSIDADE

Desde sempre que o Homem necessita de viver em sociedade para sobreviver. A vida em conjunto, em sociedade, é indissociável da condição humana. E a vida em sociedade pressupõe troca, partilha, comunicação, colaboração e uma série de outros factores que asseguram a sobrevivência do grupo e/ou a eficácia/sucesso de uma comunidade.

A vida em grupo, em comunidade é, portanto, indiscutivelmente, uma característica da espécie e uma condição primordial da sua sobrevivência. Esta vida em comunidade encontrou a sua forma natural de organização espacial no «organismo» a que chamamos «cidade», no sentido mais lato do termo - que engloba a aldeia e a grande metrópole.

Em todas as culturas – da Ásia à América , da Europa à África -, a cidade constituiu desde sempre, e até meados do século passado, um aglomerado compacto de construções com limites bem definidos, em que o espaço livre (público e privado) assume mais ou menos importância consoante as regiões e, em conjunto com as tipologias construtivas/arquitetónicas, caracteriza as diversas singularidades.

No Magreb ou na Provence, uma cidade tem limites claros e uma forte compacidade construtiva, apesar das diferenças óbvias.

Nestes termos, refiro-me a «densidade» e «intensidade» como noções mais associadas a imagem urbana e não a valores utilizados numa prática de ordenamento do território ultrapassada, baseada em índices matemáticos (índices de edificabilidade) relativos a, p. ex., densidade populacional ou habitacional e que pode traduzir-se numa profusão de modelos urbanos não necessariamente adequados ao lugar em que se aplicam.

A ideia de densidade associada a imagem urbana pressupõe concentração da construção ao invés da dispersão (compacidade x difusão) e, nestes termos, não podemos generalizar «receitas» ou modelos mais eficazes do que outros porque, na realidade, cada caso é um caso e, em cada situação, há que ter em conta as características do local – pré-existências, condicionalmente físicas de diversa ordem, aspetos culturais, etc.... Não há, portanto, densidades boas ou más (caricaturando, poderei referir que a densidade de Manhattan, ou de Paris, é tão equilibrada quanto a de uma vila do Alentejo ou de uma aldeia da Toscana). Diferentes bairros poderão igualmente apresentar densidades diferentes, relações de espaço público/construído diversas – com edifícios mais altos, nuns casos, e mais baixos noutros – apresentando, ainda assim, níveis de qualidade urbana igualmente bons.

É esta cidade densa, compacta, diversificada, na qual podemos encontrar todos os ingredientes necessários à nossa existência plena, intensa, portanto, também, que nos serviu sempre, mesmo tendo em conta períodos de crise a que se seguiram outros de prosperidade.

Com a alteração dos meios de comunicação - de transporte, principalmente -, mais notoriamente a partir de meados do século XX e do final da IIª. Grande Guerra, o Homem desenvolveu formas de ocupação do território baseadas em modelos teóricos que deitam por terra toda esta experiência e sabedoria milenares, criando extensas zonas periféricas monofuncionais – de habitação, de comércio ou de serviços – ligadas entre si por redes de vias automóveis e de transportes públicos.

Este tipo de ocupação do território, desenvolvido primordialmente nos E.U.A. por motivos de segurança nacional, a que rapidamente se associou a especulação imobiliária e toda uma rede de negócios – cadeias de centros comerciais, a indústria automóvel, etc.... - rompeu limites, dispersou a ocupação e destruiu a «mixicidade» de usos que caracterizam a cidade, no seu verdadeiro sentido (em que os diversos usos são inseparáveis). Estes lugares

ou subúrbios (o termo parece-me mais adequado na medida em que pressupõe ou indica algo que está num nível inferior ao da urbe) que nas décadas do pós-guerra, nos E.U.A., eram frequentemente associados à ideia do «american-dream», foram entretanto servindo de modelo para experiências semelhantes na Europa e um pouco por todo o mundo, apesar dos avisos de alguns estudiosos¹ um pouco mais lúcidos, assumindo proporções que, hoje, reconhecemos como muito preocupantes e, em alguns casos, mesmo catastróficas.

Os problemas gerados – de poluição, segregação, doença, solidão e forte recessão económica – são de tal forma graves que, desde há algum tempo a esta parte, também um pouco por todo o lado e, paradoxalmente, (ou não) com grande intensidade, nos E.U.A., os técnicos e os responsáveis políticos procuram desesperadamente soluções e panaceias que nos permitam sair da crise.

Chegados aqui, cientes dos graves problemas ambientais criados e mergulhados numa profunda crise económica e financeira, voltamos a olhar com esperança para as nossas cidades – as verdadeiras, as que sempre funcionaram bem enquanto lugar de realização do Homem. A situação de emergência criada é de dimensão difícil de avaliar e de tempo de resolução longo e difícil – seguramente! No entanto, e considerando agora mais especificamente o papel dos arquitetos e dos urbanistas – do ensino à prática, nas escolas e nas comunidades –, afigura-se indispensável uma «reaprendizagem» dos valores ou factores que estão na base desses modelos, deixando de lado práticas de «engenharia social» desastrosas bem como os sistemas de vaidades completamente aberrantes e até obscenos, tendo em conta a dimensão dos problemas por resolver.

¹ - Jane Jacobs (a socióloga americana) e Fernando Távora (arquitecto, fundador da Escola do Porto), entre outros.

As disciplinas de «reabilitação urbana», «renovação», «revitalização», ..., assumem maior destaque, neste contexto, e a produção/criação de arquitetura e do desenho urbano acompanha um «movimento» que poderemos designar por «renascimento urbano» - sem conotações de espécie alguma (estilísticas ou outras), mas apenas como reação a um movimento de sentido contrário que, precisamente, preconizava ou praticava a «morte do urbano».

Neste sentido, as noções de «densidade» e de «intensidade» que referi inicialmente – associadas a uma imagem urbana, com graus e características diferentes de lugar para lugar – assumem um relevo particularmente determinante, na medida em que grande parte da resolução dos problemas dos nossos centros urbanos, das nossas cidades, passa por restabelecer o equilíbrio das densidades que constituem/caracterizam os tecidos, intensificando a vida, a troca, a comunicação, através da reposição de diversidades de toda a ordem – social, de usos ou cultural -, num processo novo, pleno de criatividade.

José Baganha,
Arquiteto
Professor Associado Convidado no
Mestrado Integrado em Arquitetura do
C.R.B. da U.C.P.

Nov. 2011